

# NATUREZA, ÉTICA E SOCIEDADE EM ROUSSEAU<sup>1</sup>

Evaldo Becker (NEPHEM/UFS)

Resumo: Nosso objetivo é analisar alguns elementos do pensamento do filósofo suíço, sobretudo no que se refere às formulações teóricas que envolvem os conceitos de estado de natureza, desnaturação do homem, responsabilidade ética e participação política.

Palavras-chave: estado de natureza – desnaturação do homem – responsabilidade ética – participação popular.

A reflexão acerca das relações estabelecidas entre homem e natureza foi tema recorrente na obra de Rousseau. Nosso objetivo no presente artigo é expor alguns elementos do pensamento do filósofo suíço, sobretudo no que se refere às formulações teóricas que envolvem os conceitos de estado de natureza, desnaturação do homem, responsabilidade ética e participação política. Para tanto utilizaremos, principalmente as obras: *Discurso sobre a desigualdade*, *Emílio*, o *Projeto de Constituição para a Córsega* e os *Devaneios do caminhante solitário*.

Ao longo de toda sua obra Rousseau empreenderá a defesa da natureza e a crítica do artifício. Já em sua primeira grande obra, o *Discurso sobre as ciências e as artes* (1750), ele afirma que o progresso das ciências e das artes longe de contribuir para o aperfeiçoamento moral dos homens, ajudou em sua desnaturação e conseqüente corrupção dos costumes<sup>2</sup>. Afirma ainda que a natureza quis “preservar” os homens da ciência “como uma mãe que arranca uma arma perigosa das mãos do filho”<sup>3</sup>. E, na sequência do texto, apresenta, dentre outros elementos, uma defesa diríamos, estética e nostálgica da natureza, tal como aparece na seguinte passagem:

---

<sup>1</sup> O presente artigo é parte integrante do projeto intitulado “Ética socioambiental nas comunidades tradicionais do baixo São Francisco no Estado do Sergipe”, financiado pelo CNPq.

<sup>2</sup> Conforme afirma a profa. Dra. Maria das Graças de Souza: “para Rousseau, a denúncia do artifício como fonte do mal é denúncia dos costumes e das instituições do século. Para Rousseau, a integração do homem à natureza e a identificação primitiva do homem com os outros fenômenos da vida é negada ao homem no estado de sociedade. O mal é desnaturação. A história do homem coincide com a história de seus males”. SOUZA, 2006, p. 192.

<sup>3</sup> ROUSSEAU, J.-J. *Discurso sobre as ciências e as artes*, p. 199.

Não se pode refletir sobre os costumes sem se comprazer com a lembrança da imagem da simplicidade dos primeiros tempos. É uma bela praia, ornada unicamente pelas mãos da natureza, para a qual incessantemente se voltam os olhos e da qual com tristeza se sente afastar-se<sup>4</sup>.

Esta defesa estética – que aponta para a harmonia presente na natureza e para o desregramento e caos introduzidos pelo homem –, é retomada tanto no *Discurso sobre a desigualdade* quanto no *Emílio*. Ela serve para ilustrar o meio no qual emergem a vida e as ações humanas. A ideia subjacente a estas descrições é a da degeneração e do adestramento humano que derivam de suas desregradas e imprudentes ações. Vejamos duas passagens, uma do *Segundo Discurso* e outra do *Emílio*, que comprovam nossa afirmação:

A natureza trata todos os animais entregues a seus cuidados com uma predileção tal que parece querer mostrar o quanto é zelosa deste direito. O cavalo, o gato, o touro, o próprio asno têm, em sua maioria, uma estatura maior, uma constituição mais robusta, mais vigor, força e coragem nas florestas do que em nossas casas. Perdem a metade dessas vantagens tornando-se domésticos, e poder-se-ia dizer que todos os nossos cuidados em tratar bem e alimentar esses animais resultam em sua degeneração. Assim é, para o próprio homem: fazendo-se sociável e escravo, torna-se fraco, medroso, servil, e sua maneira de viver, frouxa e afeminada, termina por minar a um tempo sua força e sua coragem<sup>5</sup>.

No *Emílio* Rousseau louva a ordem e a proporção evidentes na natureza. Eu cito: “O quadro da natureza só me oferecia harmonia e proporções, o do gênero humano só me oferece confusão e desordem! O concerto reina entre os elementos e os homens estão no caos! Os animais são felizes, só seu rei é miserável!”<sup>6</sup>.

Ao elogiar a natureza e criticar os desvarios humanos, Rousseau procura contrapor-se às tendências correntes em seu tempo, segundo as quais, a natureza representa os antípodas da civilização, do conforto e da ordem estabelecidas pelos homens. Em seu entender a natureza, como figura fértil e maternal, garante aos animais, incluindo o bicho homem, fartura e

---

4 ROUSSEAU, J.-J. *Discurso sobre as ciências e as artes*, p. 207.

5 ROUSSEAU, J.-J. *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*. 1989, p.58.

6 ROUSSEAU, J.-J. *Emílio: ou da educação*. 1999, p. 375.

saciedade. Em meio às imensas florestas “que o machado jamais mutilou” a natureza “oferece a cada passo provisões e abrigo aos animais de toda espécie”<sup>7</sup>.

Rousseau desacredita as opiniões que afirmam ser o estado de natureza – entendido aqui como pré ou à social – um estado miserável<sup>8</sup>, e nota que quanto mais distantes da natureza, mais fracos e corrompidos nos tornamos. As descrições do estado de natureza auxiliam o autor na explicitação das condições anteriores à desnaturação do homem e ajudam-no a precisar as características originais deste. O conhecimento deste estado hipotético fornece os elementos necessários para que possamos melhor julgar nosso estado atual<sup>9</sup>.

Entretanto, nosso autor deixa claro que, se por um lado, no ‘estado de natureza’, o homem se encontra isento de guerras e do alcance dos vícios e das paixões que se verificam em sociedade, por outro lado, ele se encontra também, distante de seus semelhantes e de qualquer tipo de relação que possa aprimorar o seu ser. Ele vive no âmbito da animalidade e do instinto<sup>10</sup>. Outra ideia que pode ser vislumbrada é a ausência da ‘palavra’ como um impeditivo das transformações ou dos ‘progressos possíveis’, ou seja, na ausência de inter-relações torna-se impossível a constituição de algum tipo de linguagem convencional que possa ampliar ou transmitir os conhecimentos e descobertas realizados por estes seres isolados “não fazendo sua inteligência maiores progressos do que sua vaidade”<sup>11</sup>. Em função disso,

---

7 ROUSSEAU, J.-J. *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*. p.53.

8 Contra aqueles que “repetem incessantemente que nada é tão miserável quanto o homem no estado de natureza” ele adverte que “miserável” é uma palavra sem sentido neste estado, pois ela significa uma privação dolorosa e o sofrimento do corpo ou da alma. Entretanto, pergunta ele: “Eu gostaria que me explicassem qual pode ser o gênero de miséria de um ser livre que tem o coração em paz e corpo com saúde. Pergunto qual, se a vida civil ou natural, está mais sujeita a tornar-se insuportável aos que a desfrutam. Quase que vemos em torno de nós somente pessoas que se queixam de sua existência, muitas ainda que dela se privam se podem, e a união das leis divinas e humanas mal basta para deter essa desordem. Pergunto se algum dia se ouviu dizer que um selvagem em liberdade tenha somente pensado em lamentar-se da vida e entregar-se à morte. Que se julgue, pois, com menos orgulho, de que lado está a verdadeira miséria”. ROUSSEAU, J.-J. 1979, p.72.

9 Cf. Rousseau: “Não é, pois, fácil empreendimento distinguir o que há de originário e de artificial na natureza do homem e conhecer profundamente um estado que não mais existe, que talvez nunca tenha existido, que provavelmente não existirá jamais e, do qual, deve-se, contudo ter noções corretas para bem julgar de nosso estado presente.” ROUSSEAU, J.-J. *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*. 1989, p.42.

10 Cf. Rousseau: “Os homens espalhados entre eles (os demais animais), observam, imitam sua atividade, e assim se elevam ao instinto dos animais; mas com vantagem, porque, cada espécie possui o seu próprio instinto, e o homem, não possuindo talvez nenhum que lhe pertença exclusivamente, de todos se apropria”. ROUSSEAU, J.-J. *Emílio: ou da educação*. 1999, p. 53.

11 Concluamos que errando pelas florestas, sem indústria, sem palavra, sem domicílio, sem guerra e sem ligação, sem nenhuma necessidade de seus semelhantes, bem como sem nenhuma necessidade de prejudicá-los, talvez sem sequer reconhecer alguns deles individualmente, o homem selvagem, sujeito a poucas paixões e bastando-se a si mesmo, não possuía senão os sentimentos e as luzes próprias desse estado, no qual só sentia suas verdadeiras

Rousseau afirma que neste estado “a arte perecia com o inventor, então não havia nem educação nem progresso, as gerações se multiplicavam inutilmente e, partindo cada um sempre do mesmo ponto, desenrolavam-se os séculos com toda a grosseria das primeiras épocas, a espécie já era velha e o homem continuava sempre criança”<sup>12</sup>.

O uso da linguagem, produto da perfectibilidade humana conforme Rousseau afirmará no *Ensaio sobre a origem das línguas*, pode contribuir para nosso aperfeiçoamento moral ou para nossa degenerescência. E eu o cito: “A língua de convenção só pertence ao homem e esta é a razão por que o homem progride, seja para o bem ou para o mal, e porque os animais não o conseguem”<sup>13</sup>.

Podemos perceber, principalmente no *Segundo Discurso*, que se comparado ao ‘homem do homem’ ou, mais precisamente, ao homem civil corrompido tal como se verifica nas sociedades da época, o homem selvagem, tal como foi descrito anteriormente, leva sensível vantagem. Afinal, o mesmo encontra-se isento dos vícios e depravações, bem como das guerras e demais mazelas características do estado civil. No entanto, podemos notar também, que esse mesmo homem selvagem encontra-se em sensível desvantagem se comparado às potencialidades presentes no “homem natural” e que, se forem desenvolvidas em sua plenitude, transformam esse “ser limitado” efetivamente em um homem. É verdade que Rousseau com sua crítica pessimista poucas vezes deixa entrever a possibilidade efetiva de uma vida em sociedade que atenda às principais exigências do homem no que concerne a seu desenvolvimento pleno, porém também não se pode negar tal perspectiva a partir da leitura de suas obras.

O que Rousseau faz por meio de suas descrições do “homem natural” e do “verdadeiro estado de natureza” é salvaguardar a natureza do homem, ao garantir a possibilidade, ao menos teórica ou ideal, de um homem e de uma sociedade melhor constituídos. Pois considerar que a corrupção está presente na natureza humana, equivaleria a aceitar a situação de corrupção e de opressão vivenciada pelos povos ao longo de sua sociabilidade, ao passo que a compreensão segundo a qual o homem nasce livre, a-moral, e ainda dotado do sentimento de piedade, fundamento para as noções de pertença e de virtude - aliados à perfectibilidade, esta capacidade inata de se aperfeiçoar, para o bem ou para o mal - garante a Rousseau a possibilidade de desnaturalizar o mal-estar vivenciado pelos homens no seio das sociedades historicamente constituídas. E permite ainda, atribuir este mal-estar às escolhas assumidas por estes em suas construções sócio-político-morais. Nesse sentido há que se concordar com a interpretação de Cassirer, que em seu texto, *A questão Jean-Jacques Rousseau*, afirma:

---

necessidades, só olhava aquilo que acreditava ter interesse de ver, não fazendo sua inteligência maiores progressos do que sua vaidade. ROUSSEAU, J.-J. OC, III, pp. 159-160.

12 ROUSSEAU, J.-J. OC, III, p. 160.

13 ROUSSEAU, J.-J. OC, V, p. 379.

Em sua marcha evolutiva até o presente momento, a ‘perfectibilidade’ enredou o homem em todos os males da sociedade e levou-o à desigualdade e à servidão. Mas ela, e apenas ela é capaz de tornar-se para ele um guia no labirinto no qual ele se perdeu. Ela pode e deve abrir-lhe novamente o caminho para a liberdade. Pois a liberdade não é um presente que a bondosa natureza deu ao homem desde o berço. Ela só existe na medida em que ele próprio a conquistar, e a posse dela é inseparável desta conquista constante<sup>14</sup>.

Antes do advento da sociedade, por não ter um relacionamento mais estreito com seus semelhantes e sem sequer reconhecê-los como tal, o homem nessas condições não poderia desenvolver plenamente suas qualidades e permaneceria por assim dizer num estado de estagnação e embrutecimento. Tal ideia é apresentada ao longo do *Segundo Discurso* e é reforçada no *Emílio*, no qual o autor escreve: “por pouco que tenhamos refletido sobre a ordem e o progresso de nossos conhecimentos, não podemos negar que tal tenha sido aproximadamente o estado primitivo de ignorância e de estupidez natural ao homem antes que tivesse aprendido alguma coisa da experiência e de seus semelhantes”<sup>15</sup>.

No entanto, mesmo estas limitações e estupidez são frequentemente preferíveis, na opinião do autor, ao estado de corrupção presenciado na maioria das sociedades historicamente constituídas. O que não significa dizer que ele pretendesse qualquer tipo de retorno ao estado de natureza ou destruição da vida civil. Mesmo porque, como ele mesmo responde às críticas emitidas neste tom. O que o consola e que é útil explicitar é que todos os vícios e depravações “não pertencem tanto ao homem, quanto ao homem mal governado”<sup>16</sup>.

O filósofo genebrino ressalta ainda que desenvolvera a defesa da natureza e a atribuição das mazelas humanas ao próprio homem, segundo ele: “é o abuso de nossas faculdades que nos torna infelizes e maus. Nossas tristezas, nossas preocupações, nossos sofrimentos vêm-nos de nós mesmos. O mal moral é incontestavelmente obra nossa”<sup>17</sup>.

Rousseau salvaguarda a natureza humana<sup>18</sup> e atribui a responsabilidade por nossas mazelas às escolhas mal feitas realizadas pelos homens ao longo de sua história. Nossas

---

14 CASSIRER. *A questão Jean-Jacques Rousseau*. 1999, p. 10.

15 ROUSSEAU, J-J. OC, IV, pp. 280-281.

16 ROUSSEAU, J-J. *Prefácio de Narciso*. 1997, p. 298.

17 ROUSSEAU, J-J. *Emílio: ou da educação*. 1999, p. 379.

18 Conforme o autor afirma no *Segundo Discurso*: “(...) as instituições humanas parecem, à primeira vista, fundamentadas em montes de areia movediça. Apenas examinando-as de perto, depois de haver afastado o pó e a areia que envolvem o edifício, percebe-se a base inabalável sobre a qual foi erguido e aprende-se a respeitar seus fundamentos. Ora, sem um sério estudo do homem, de suas faculdades naturais e de suas transformações sucessivas, não se chegará jamais a fazer essas distinções, a separar na atual constituição das coisas o que fez a

aquisições culturais são frutos da Perfectibilidade ou capacidade de se aperfeiçoar, “faculdade que com o auxílio das circunstâncias desenvolve sucessivamente todas as outras”<sup>19</sup>. Segundo o autor “é ela que, com o tempo, o tira dessa condição originária, na qual viveria dias tranquilos e inocentes; é ela que, com o passar dos séculos, faz desabrochar seu saber e seus erros, seus vícios e suas virtudes, quem afinal, o faz tirano de si mesmo e da natureza”<sup>20</sup>. Entretanto, a perfectibilidade não possui sentido definido, ela pode se dar para o bem ou para o mal e nesse sentido, acarretar um verdadeiro progresso ou um recrudescimento da corrupção do homem, no momento em que este empreende o processo de sociabilidade. Ela será direcionada pela livre escolha do homem, nesse sentido, contra os detratores da natureza humana que apregoavam que o mal estar vivenciado por este é fruto da herança maldita de Adão e Eva e que está inscrita para sempre em nosso destino; Rousseau dirá que se trata antes de um problema ético, do direcionamento que damos à nossa liberdade e dos conhecimentos que orientam nossas ações<sup>21</sup>. Conforme Cassirer, “essa tarefa ética que Rousseau atribui à política – e esse imperativo ético ao qual ele a subordina – é o seu ato verdadeiramente revolucionário. E com ele permanece sozinho em seu século”<sup>22</sup>.

Segundo Rousseau, os homens corrompem-se mutuamente em função do desregramento de suas paixões bem como do delírio de sua razão, que é evidenciada pelos preconceitos de época. É o que ele deixa a entender já no primeiro livro do *Emílio* onde escreve:

Tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem. Ele força uma terra a alimentar as produções de outra, uma árvore a carregar os frutos de outra. Mistura e confunde os climas, os elementos, as estações. Mutila seu cão, seu cavalo, seu escravo. Perturba tudo, desfigura tudo, ama a deformidade e os monstros. Não quer nada da maneira como a natureza o fez, nem mesmo o homem; é preciso que seja domado por ele, como um cavalo adestrado; é preciso apará-lo à sua maneira, como uma árvore de seu jardim<sup>23</sup>.

---

vontade divina do que pretendeu fazer a arte humana.” ROUSSEAU, J-J. *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*. 1989, p. 46.

19 ROUSSEAU, J-J. OC, III, p. 142.

20 ROUSSEAU, J-J. OC, III, p. 142.

21 Cf. Rousseau afirma no *Emílio* “Homem, não mais procures o autor do mal; esse autor és tu mesmo. (...) Suprimi nossos funestos progressos, suprimi nossos erros e nossos vícios, suprimi a obra do homem e tudo estará bem”. ROUSSEAU, J-J. *Emílio: ou da educação*. 1999, p.380.

22 CASSIRER: *A questão Jean-Jacques Rousseau*. 1999, p. 65.

23 ROUSSEAU, J-J. *Emílio: ou da educação*. 1999, p. 07.

O sentido da depravação fica bastante claro. Ao afirmar que “tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas” e que “tudo degenera nas mãos do homem”, Rousseau aponta para o verdadeiro responsável pelas transformações realizadas na alma humana e que resultaram segundo ele, em deformidades e adestramento.

O antropólogo belga Claude-Levi-Straus, em seu artigo *Jean-Jacques Rousseau Fundador das ciências do Homem* afirma ser Rousseau o Fundador das ciências do Homem, e com base no pensamento deste, critica o excessivo afastamento do homem em relação à natureza. Diz ele: “Começou-se a separar o homem da natureza, e por fazer com que ele constituísse um reino soberano; acreditou-se assim encobrir seu caráter mais irrecusável, a saber, que ele é primeiro; um ser vivo. E permanecendo-se cego para esta propriedade comum, deu-se total liberdade para todos os abusos”<sup>24</sup>.

A passagem ao estado civil registra uma mudança de perspectiva de análise, de um homem que se encontra livre e aquém das leis e da moral estabelecidas a um homem sujeito às leis e à moral postas em vigor. Com relação a esta passagem, Rousseau escreve no *Contrato Social* que:

Mesmo que nesse estado se prive de várias vantagens que usufruía na natureza, ganha outras maiores; suas faculdades se exercitam e se desenvolvem, suas ideias se ampliam, seus sentimentos se enobrecem, toda alma se eleva a tal ponto que, se os abusos dessa nova condição não o degradassem frequentemente a uma condição inferior àquela donde saiu, deveria bendizer sem cessar o instante feliz que o arrancou de lá para sempre, e que transformou um animal estúpido e limitado em um ser inteligente e num homem<sup>25</sup>.

Por meio de uma leitura atenta do texto podemos perceber que, Rousseau critica mais os abusos<sup>26</sup> de nossas faculdades do que o seu desenvolvimento. Aliás, ele realmente não propõe um retorno ao estado de selvageria ou de animalidade. Podemos perceber que neste “estado”, encontrando-se aquém de toda a moralidade e dos desenvolvimentos de nossos sentimentos e de nossas “luzes”, o homem assemelha-se muito mais a um animal do que a tudo aquilo que configura efetivamente a condição humana. No *Ensaio sobre a origem das línguas* Rousseau defende inclusive as luzes e o esclarecimento bem conduzido. Segundo ele:

---

24 LEVI-STRAUS. *Jean-Jacques Rousseau Fundador das ciências do Homem*. 1976, p. 49.

25 ROUSSEAU, J-J. OC, III, p. 364.

26 No *Emílio*, Rousseau também afirmará que “É o abuso de nossas faculdades que nos torna infelizes e maus”. ROUSSEAU, J-J. *Emílio: ou da educação*. 1999, p. 379.

As afeições sociais só se desenvolvem em nós com nossas luzes. [...] Aquele que nunca refletiu não pode ser nem clemente nem justo e nem piedoso: ele não pode tampouco ser mau ou vingativo. Quem nada imagina não sente mais do que a si mesmo: encontra-se só no meio do gênero humano”<sup>27</sup>.

A justiça, a virtude, a vida ética e política, devem ser frutos de uma desnaturalização bem conduzida, tal como Rousseau (1999, p.379) evidenciava ao escrever no *Emílio* que “as boas instituições sociais são as que melhor sabem desnaturar o homem” retirando-o daquela existência absoluta vivenciada antes do advento das sociedades e forjando laços comunitários e hábitos, cuja bondade ou maldade, harmonia ou desregramento devem ser avaliados não individualmente, mas na forma de repercussão no seio da coletividade.

O cidadão de genebra, ao contrário do que algumas leituras apontam, era extremamente pessimista e escrevia no *Discurso sobre a Desigualdade*:

Há, eu o sinto, uma idade em que o homem individual gostaria de parar; tu buscarás a idade na qual gostarias que tua espécie houvesse parado. Descontente com teu estado atual, por razões que prometem à tua infeliz posteridade ainda maiores descontentamentos, talvez desejasses retroceder; esse sentimento deve constituir o elogio de teus primeiros antepassados, crítica de teus contemporâneos e o pavor dos que terão a infelicidade de viver depois de ti.<sup>28</sup>

O fato é que mesmo seu pessimismo, ainda podia ser atenuado em função da constatação de que em sua época o homem não dominava a técnica a ponto de causar grandes prejuízos para a espécie. Em seu entender, e para sua tranquilidade, a natureza ou a providência, “limitou de tal modo suas forças que o abuso da liberdade que ela lhe deixa não pode perturbar a ordem em geral. O mal que o homem faz retorna a ele sem nada mudar no sistema do mundo, sem impedir que a própria espécie humana conserve-se, apesar de tudo.”<sup>29</sup>

Infelizmente, não podemos mais contar com este atenuante, e hoje temos a plena convicção de que o homem pode sim alterar significativamente os destinos da espécie. De que podemos, com as milhares de bombas atômicas, destruir inúmeras vezes nosso planetóide querido; de que, com armas químicas, bacteriológicas e etc..., podemos dizimar milhões de

---

27 ROUSSEAU, J-J. OC, V, p. 395.

28 ROUSSEAU, J-J. *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*. 1989, p.51.

29 ROUSSEAU, J-J. *Emílio: ou da educação*. 1999, p. 379.



peças. Tais certezas, entretanto, só ampliam a necessidade ética que temos de pensar tais questões<sup>30</sup>. Desde a época em que trabalhara como secretário da embaixada da França em Veneza e que começara a projetar suas *Instituições Políticas* Rousseau têm claro em sua mente “que tudo se prendia radicalmente à Política, e que, de qualquer modo que se procedesse, nenhum povo seria nunca, senão o que a natureza de seu governo quisera que ele fosse(...)”<sup>31</sup>. Tais pensamentos não serão esquecidos e quando já ao final de sua vida é chamado a propor um projeto de constituição para a Córsega, Rousseau não se esquecerá de que dentre as atribuições de um bom governo está a preservação e o bom uso da natureza.

Alertando os corsos para o abuso e o desregramento derivado da má política florestal implementada tanto na França quanto na Suíça e que ameaçava eliminar toda sua flora, Rousseau alerta para este perigo e recomenda um bom uso das florestas<sup>32</sup>. Vejamos:

Começar-se-á, por garantir as matérias-primas mais necessárias, a saber: a madeira, o ferro, a lã, o couro, o cânhamo e o linho. Sempre abundou na ilha a madeira tanto para a construção, quanto para aquecimento. Não se deverá, porém, confiar nessa abundância e deixar o uso e o corte das florestas tão-só à discrição dos proprietários. Na medida em que aumentar a população da ilha e se multiplicarem os desflorestamentos, haverá nos bosques um rápido desgaste que só muito lentamente se poderá remediar<sup>33</sup>.

A Córsega, alertada mais cedo, não temeria o mesmo perigo, – precisa-se desde logo estabelecer uma correta política florestal e regulamentar os cortes de tal modo que a produção iguale ao consumo. (...) Cedo deve-se prever o futuro (...). Tal conselho pareceria útil nos tempos atuais onde continuamos a desflorestar irremediavelmente nosso Estado (e onde nossos políticos deliberam sobre a ampliação do desmatamento).

A preocupação evidenciada aqui é eminentemente política, o que de certa maneira já havia sido evidenciado no *Segundo Discurso*, quando Rousseau critica o rumo de um determinado tipo de sociabilidade “que fez com que as vastas florestas” se transformassem “em campos vicejantes que foi preciso regar com o suor dos homens, e nos quais logo se viu a escravidão e a miséria germinarem e crescerem com as colheitas”<sup>34</sup>.

---

30 Como diz Hans Jonas, (assim como Habermas e outros) com o aumento de nossa potência, aumenta também nossa responsabilidade.

31 ROUSSEAU, J-J. 2008, p. 370.

32 Cf. ROUSSEAU, J-J. *Projeto de Constituição para a Córsega*. 1962, p. 213.

33 ROUSSEAU, J-J. *Projeto de Constituição para a Córsega*. In: *Obras J.J. Rousseau*, vol. II.1962, p. 213.

34 ROUSSEAU, J-J. *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*. 1989, p. 93.

Se existe, como eu creio, uma preocupação política de Rousseau, em relação à natureza, isso não elimina o que poderíamos chamar de uma “ética do gozo da natureza” ou da contemplação desinteressada, que é desenvolvida, sobretudo, ao final de sua vida, quando ele já se encontra afastado da política mundana. Quando abandonou os projetos de “uma felicidade pública” e busca apenas sua “felicidade particular”<sup>35</sup>.

Na “sétima caminhada” dos *Devaneios*, o botânico Rousseau critica o uso apenas medicinal e utilitário das plantas, aquele que só almeja colocá-las num pilão e esmagá-las para algum fim específico, e afirma que “as plantas parecem ter sido semeadas com profusão sobre a terra, com as estrelas no céu, para convidar o homem, pelo atrativo do prazer e da curiosidade, ao estudo da natureza”<sup>36</sup>. Segundo ele, “o prazer de ir a um deserto procurar novas plantas esconde o de escapar” a seu perseguidores”<sup>37</sup>.

O gozo estético da natureza é tema recorrente na obra do autor, e até o final de sua vida deixa sua marca. O cidadão de Genebra dedica seus últimos esforços para descrever sua relação de proximidade e integração com a natureza, nesta ética do convívio e da imersão no todo harmônico<sup>38</sup> que representa a natureza. Contudo, tais reflexões não refletem o ponto mais nodal de sua teoria que foi ao longo de sua vida, eminentemente relacionado à reflexão acerca da Política

---

35 ROUSSEAU, J-J. *Devaneios do caminhante solitário*. 1995, p. 96.

36 ROUSSEAU, J-J. *Devaneios do caminhante solitário*. 1995, p. 98.

37 ROUSSEAU, J-J. *Devaneios do caminhante solitário*. 1995, p. 99.

38 Já no *Emílio*, Rousseau louvava a ordem e a proporção evidentes na natureza. Segundo ele: “O quadro da natureza só me oferecia harmonia e proporções, o do gênero humano só me oferece confusão e desordem! O concerto reina entre os elementos e os homens estão no caos! Os animais são felizes, só seu rei é miserável! Ó sabedoria, onde estão tuas leis?” ROUSSEAU, J-J. *Emílio: ou da educação*. 1999, p.375.

## Nature, ethics and society in Rousseau

Abstract: Our goal is to analyze some of the elements of thought Swiss philosopher, particularly in relation to theoretical formulations involving the concepts of state of nature, man denaturation, ethical responsibility and political participation.

Key-words: state of nature – human denaturation – ethicalresponsability – political participation.

### Referências bibliográficas

CONDILAC, Etienne Bonot de. *Traité des animaux*. Présenté et annoté par M. Malherbe. Paris: VRIN; 2004.

EHRARD, J. *L’Idée de nature en France dans la première moitié du XVIIIe siècle*. Paris: Albin Michel, 1994.

JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica*. Tradução de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC – Rio, 2006.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural dois*. Trad. Maria do Carmo Pandolfo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Carta a Voltaire sobre a providência*. Tradução e apresentação de Maria das Graças de Souza. In: História e providência: Bossuet, Vico e Rousseau - textos e estudos. MENEZES, Edmilson (org.). Ilhéus: Editus, 2006.

\_\_\_\_\_. *Do Contrato Social*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *Devaneios do caminhante solitário*. Tradução, introdução e notas de Fúlvia Luiza Moretto. Brasília: Universidade de Brasília, 3ª. Ed., 1995.

\_\_\_\_\_. *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade Entre os Homens*. Tradução de Iracema Gomes Soares e Maria Cristina Roveri Nagle. Brasília: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Ática, 1989.

\_\_\_\_\_. *Emílio: ou da educação*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Prefácio de Narciso*. Tradução de Lourdes Santos Machado. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, (Os Pensadores), 1997.

\_\_\_\_\_. *Projeto de Constituição para a Córsega*. In: *Obras J.J. Rousseau*, vol, II. Tradução de Lourdes Santos Machado. Rio de Janeiro – Porto Alegre – São Paulo: Editora Globo, 1962.

ROUSSEAU, Jean Jacques. *Oeuvres complètes*, I, II, III, IV e V. Paris: Éditions Gallimard, 1959-1995.